



**PERCURSOS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS E SUPERAÇÕES**

ASSUMPCÃO, Jéssica Lícia da

Estudante de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq. Membro dos grupos de pesquisa Pameduc (UFSC).. E-mail: jessica_licia@hotmail.com

LIRA, Regina Wagner Cizerio

Graduanda do curso de história da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Núcleo de Estudos Açorianos NEA/UFSC. E-mail: reginacizerio@gmail.com

NASCIMENTO, Marina Bandeira do

Graduanda do curso de história da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Departamento de Planejamento e Gestão da Informação DPGI/UFSC. E-mail: maby.mari@gmail.com

Artigo coordenado pelo **profº Dr. Elison Antonio Paim**

Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória-UFSC), de Estágio Supervisionado de História I da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Unicamp e Mestre em História pela PUC-SP. Membro dos grupos de pesquisa Pameduc (UFSC), Rastros (USF) e Kairós (UNICAMP). E-mail: elison0406@gmail.com

EIXO TEMÁTICO5:FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EJA

RESUMO: Este artigo faz um panorama de como surgiu a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e como o sistema é desenvolvido na rede pública municipal de ensino em Florianópolis, relatando nossa experiência como acadêmicas de graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina, que passaram por período de dois meses estagiando na EJA da Escola Municipal Donícia Maria da Costa. O foco principal é mostrar a determinação dos alunos da EJA em continuar os seus estudos diante das adversidades de suas vidas, por meio de observações e entrevistas realizadas na escola mencionada.

PALAVRAS CHAVES: Ensino de História; Educação de Jovens e Adultos; Estágio; Florianópolis.

INTRODUÇÃO:

Esse artigo tem como intuito mostrar um panorama geral da Educação de Jovens e adultos na Rede Municipal de Educação de Florianópolis, e dialogar com nossas experiências e vivências no estágio na Educação de Jovens e Adultos - EJA da Escola Donícia Maria no Saco Grande, focalizando no aluno como sujeito central de nossas observações, e



principalmente como sujeito ativo em nossos debates acerca de educação, superação e problemas enfrentados nesse sistema de ensino específico.

Com a perspectiva de conhecer melhor o tema abordado, utilizamos referências e pesquisas de autores que trabalham com educação e com as mesmas problemáticas ligadas a EJA, para melhor debater e dialogar sobre as nossas observações enquanto estagiários na Escola Donícia Maria da Costa.

Tendo em vista que essas problemáticas e situações também são vistas em outras pesquisas sobre o tema, concluímos que muito do que observamos e vivemos não difere do que é normatizado no ensino de jovens e adultos, mas a grande diferença está no enfoque que escolhemos para esse artigo, que como o próprio título sugere está focado na superação e nos desafios que os estudantes da EJA enfrentam no seu dia-dia escolar. Nosso trabalho une os depoimentos e entrevistas desses estudantes, docentes e funcionários da EJA com as nossas observações em sala, mostrando por meio dessas fontes as relações, pluralidade e vivências dessas pessoas dentro e fora do âmbito escolar, e como o ensino regular influenciou e ainda influencia todos esses sujeitos nesse sistema educacional tão diverso.

Contextualização da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Conforme o texto *Escolarização de Jovens e Adultos*, de Sérgio Haddad e Maria Clara di Pierro (ano 2000) no passado o processo de aprendizagem se dava no ambiente familiar, nos locais de trabalho e nas instituições religiosas, que no período colonial difundia o evangelho e transmitia normas e ofícios para manutenção da economia colonial. Durante boa parte da história do Brasil, as políticas de educação básica, secundária e superior, acabavam favorecendo as elites da sociedade.

Na constituição de 1824, se assegurava a instrução gratuita a todos os cidadãos, incluída a educação, porém no período imperial ser cidadão era para poucos, ou seja, uma pequena parcela da população de pessoas livres conseguia ter acesso à escolarização, o que acabava excluindo os negros, indígenas e mulheres. Na primeira República houve uma descentralização do ensino público federal para os municípios e províncias, e o ensino secundário e superior favorecendo apenas a elite brasileira e especialmente urbana.

Com a mudança do regime político no Brasil em 1889, o regime republicano não trouxe melhorias, a educação foi descentralizada. O acesso da camada mais popular da



sociedade tornou-se limitada, assim com as reformas educacionais da primeira república o ensino mantém-se precário e com grande parte da população analfabeta¹:

O censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta.

Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas. Isso só viria a ocorrer em meados da década de 1940. Havia uma preocupação geral com a educação das camadas populares, normalmente interpretada como instrução elementar das crianças.

No período do governo de Getúlio Vargas, houve um movimento em favor da educação entre os anos de 1947 a 1950, com os esforços desse trabalho a taxa de analfabetismo diminuiu, esse movimento tinha como objetivo possibilitar a população adulta e analfabeta ter o direito à escolarização básica, porém não se produziu nenhuma proposta pedagógica específica.

Na década de 1960, aconteceram várias campanhas de alfabetização e escolarização na área da Educação de Jovens e Adultos junto ao Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação coordenado por Paulo Freire, que marcou essa época, pois produziu um impacto pedagógico criativo, voltado as classes populares brasileiras, estabelecendo uma relação de conscientização e politização entre os sujeitos.

Durante os governos militares (1965-1986), os movimentos da educação foram censurados, professores e estudantes que se manifestavam tiveram seus direitos políticos cassados. O ensino de jovens e adultos foi transformado no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) estigmatizado como um modelo de educação domesticador e de baixa qualidade em 1967 através da lei 5.379/67, tendo uma reformulação de suas diretrizes em 1971 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a qual implantou o ensino supletivo com o objetivo de recuperar o atraso escolar, formar mão-de-obra para desenvolvimento do país, mediado pelo discurso de democratização da oportunidade de educação e uma ascensão social, que em muitos casos passou a ser só um mito. Portanto, a história da educação de jovens e adultos no período de redemocratização (1946-1964) foi marcada pela afirmação do plano jurídico, sob o direito a formação da população jovem e adulta e pela negação de políticas públicas, passando o interesse para o ensino privado.

¹HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. IN: **Revista Brasileira de Educação**, nº14, 2000. p. 110.



Na atualidade a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a educação fundamental estão garantidas na Constituição Federal de 1988, na qual a meta também era estabelecer a erradicação do analfabetismo e a universalização do ensino fundamental. Os programas de escolarização passaram a atender adultos e jovens com trajetórias de vidas consideradas mal sucedidas, pois até hoje os jovens são, muitas vezes, denominados como alunos problemáticos dentro do ensino regular, sendo convidados e/ou por vontade própria a partir dos 15 anos a se retirar da escola, indo assim para a EJA em busca da superação de suas dificuldades, o que muitas pessoas o atribuem como sistema de recuperação e aceleração, mas que se demonstra um ambiente de construção de conhecimento entre professores, alunos e funcionários, em que a determinação de cada aluno pode fazer a diferença.

Resolução municipal da Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis.

O site da Prefeitura Municipal de Florianópolis² contém a resolução CNE/CEB nº02/2010 e nº 04/2014, a qual consiste na apresentação das diretrizes gerais e operacionais para educação de jovens e adultos, assegurando a gratuidade do ensino, assim como as oportunidades educacionais apropriadas, considerando as condições de vida e de trabalho conforme as características de cada sujeito, atendendo os requisitos de atendimento de inclusão, valorização, diversificação cultural, inter-relações, os espaços fora e dentro da escola, envolvendo a aprendizagem do aluno.

No artigo 3, demonstra a modalidade do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que a formação básica do aluno deve desenvolver a capacidade de aprendizagem a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades e valores, ter o domínio da escrita, leitura e cálculo; compreender o sistema político, a tecnologia, economia, as culturas e artes; fortalecer os vínculos familiares de solidariedade assim como compreender de forma crítica a realidade social.

O curso é oferecido pela prefeitura municipal para Jovens a partir dos 15 anos, em dois segmentos, um equivalente aos primeiros anos e outro dos anos finais do ensino fundamental. A matrícula e certificação dos alunos poderão ocorrer em qualquer época do ano letivo, sendo que a Secretária Municipal de Educação, conforme a demanda implantará os núcleos de

²**Resolução da educação de jovens e adultos em 2010.** Acesso dia 01 de julho de 2016. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/11_05_2011_12.08.55.735d2fbf7f7260f583b585211b7bdf60.pdf



Educação de Jovens e Adultos. Segundo o site da prefeitura (visualizado em julho de 2016), os núcleos estão separados em Centro I e II, Escola Silveira de Souza (matutino e noturno) e Escola Básica Donícia Maria da Costa, Núcleo EJA Leste III Escola Básica Maria da Conceição Nunes, Núcleo Continente I Biblioteca continente, Núcleo EJA Norte I e II Escola Básica Herondina M. Zeferino e Escola Básica Osmar Cunha; Núcleo EJA Sul I e II, Escola Básica Anísio Teixeira e Escola Básica José Amaro Cordeiro.

As turmas de primeiro segmento devem ter no máximo 25 alunos e para segundo segmento 30 alunos. Sendo o grupo docente composto de profissionais habilitados em pedagogia (para segmento I) e para demais áreas com curso superior em licenciatura, o ingresso é feito pelo processo seletivo público. Destaca-se que a ampla maioria dos professores são admitidos em caráter temporário – ACT e com isso a cada ano correm o risco de não voltar para a mesma unidade escolar quebrando a continuidade do trabalho, especialmente quando estes professores nunca trabalharam nesta modalidade de ensino.

A estrutura e organização funcional dos Núcleos de Educação de Jovens e adultos possibilitam o acesso à sala informatizada, biblioteca e outros espaços físicos, que afirmem a pesquisa como princípio educativo. Acontecem dois encontros anuais de toda a rede de EJA para avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes.

As pesquisas acontecem a partir do interesse dos estudantes. É definido um professor que o acompanha e orienta no desenvolvimento. Geralmente cada pesquisa tem duração de aproximadamente dois meses. Quando concluídas são apresentadas para todos os estudantes e professores na forma de seminário. A avaliação acontece de forma individualizada a partir de cada atividade quer de pesquisa, leituras, comentários, resenhas.

Referente à duração dos cursos da EJA tanto a distância como presencial, há uma carga horária mínima a ser cumprida, para primeiro segmento 800 horas e para segundo segmento 1.600 horas, podendo ser avaliada conforme aproveitamento de estudos anteriores, se atribuindo uma carga menor a ser desenvolvida.

METODOLOGIA: Da teoria à prática

Nosso estágio de observação na EJA da E. B. Donícia Maria da Costa localizada no Bairro do Saco Grande em Florianópolis, ocorreu no período de 02 de maio a 20 de junho de 2016 no período noturno das 19:00h às 21:40h, totalizando 11 dias de visita em datas alternadas, conforme o cronograma feito em sala de aula com os demais colegas de turma e



professor. Também participamos das reuniões pedagógicas dos professores realizadas duas vezes por semana no turno vespertino. Além disso, realizamos entrevistas com dois professores e dois alunos.

Na primeira reunião na escola, houve a apresentação do espaço escolar, do sistema de ensino da EJA Florianópolis, e da realidade social dos alunos, feita pela Coordenadora Rosemar Ucha. Essa reunião nos deu um panorama de como funciona a pesquisa como princípio educativo, explicada na resolução nº2/2010 da Educação de Jovens e Adultos da prefeitura Municipal de Florianópolis.

Acompanhamos a turma 1 e 2 do segundo segmento da EJA que equivale ao ensino fundamental anos finais. As observações realizadas no primeiro dia se modificaram a cada visita, assim como nossas inseguranças em trabalhar com temas específicos das pesquisas que são interdisciplinares, ou seja, são desenvolvidas de acordo com um tema preestabelecido, no qual os assuntos trabalhados em torno desse tema serão relacionados com outras áreas que podem envolver, ou não, conhecimentos específicos da formação acadêmica de cada professor e também com o envolvimento do cotidiano do estudante.

Em relação aos alunos percebemos uma diversificação de faixas etárias, entre jovens (15 a 25 anos) e adultos (30 a 60 anos). A turma 1 era composta em sua maioria por alunos jovens, sendo que uma parcela deles, muitas vezes, demonstrava falta de interesse em algumas atividades e oficinas ministradas pelos professores. Essas oficinas tem um enfoque mais específico, ligadas a conteúdos em que o professor é formado ou assunto que tem mais conhecimento, não sendo tão interdisciplinar quanto às pesquisas realizadas do começo ao fim pelos educandos, porém essas oficinas auxiliam o educando a desenvolver ainda mais a próxima pesquisa, que surge da escolha dos alunos com os demais integrantes de seu grupo, porém apesar do desinteresse por parte de alguns, observamos muitos trabalhos interessantes. A turma 2 já era bem diferente, havia mais alunos acima dos 30 anos que a turma 1, sendo uma turma mais tranquila, pouco comunicativa em atividades de participação em aula, porém, demonstravam mais interesse em desenvolver suas pesquisas.

Cada turma possuía de 3 a 4 professores para orientação da pesquisa, que são avaliadas em seu desenvolvimento na apresentação final para os demais colegas. Outras atividades são desenvolvidas como as oficinas trazendo problemáticas, exercícios, textos, poesia, além da escrita no diário/caderno de classe, que fica na escola e é entregue a cada aluno no início das aulas.



Nos diários cada um deles pode escrever o que sente, fazer atividades, entre outras funções, eles também servem para registrar o desenvolvimento do educando a partir de uma série de questões que são analisadas pelos professores, não somente de cunho pessoal, mas também sugestões e reclamações dos educandos e perguntas que são direcionadas a esses estudantes em algum momento específico da semana. Como exemplo de atividades específicas, destacamos a atividade do professor de Espanhol que utilizou um áudio do poema de Eduardo Galeano - *O Direito de Sonhar* e forneceu o poema escrito aos alunos, despertando o interesse da turma na leitura, no momento em que se estava acompanhando o poema através do aparelho de som, ouvia-se uma aluna tentando ler em espanhol em voz baixa e no final do mesmo, os alunos debateram sobre o significado do texto e traduziram as palavras que sentiam mais dificuldade, colocando suas opiniões nesse caderno, sendo uma aula bastante interativa e dinâmica.

A metodologia de ensino utilizando pesquisa é um desafio para os professores romperem costumes pré-estabelecidos de um ensino “tradicional”, no qual um professor conduz sua turma e passa o conteúdo didático de forma metódica, envolvendo sua área de atuação. Já a proposta pedagógica desenvolvida no município de Florianópolis para a EJA, propõe a pesquisa como princípio educativo³, no intuito de superar a perspectiva conteudista e disciplinar do ensino da escola convencional, buscando com base nos projetos que realizam em sala, fazer sentido dentro da realidade vivida pelos estudantes.

As pesquisas requerem que o professor também assuma uma posição de mediador do conhecimento e pesquisador, um dos fatores que dificultam essa adaptação do professor nesse novo sistema. Esses conceitos são demonstrados por Murilo Magalhães no trecho a seguir:

[...] tanto a formação acadêmica quanto a prática dos professores foram basicamente estruturadas visando os conteúdos pré-estabelecidos dentro das várias disciplinas, nas suas áreas específicas do conhecimento, dando ao professor certo domínio dentro dos tais conteúdos, gerando uma falsa sensação de poder e autoridade. Assim, no cotidiano dos Núcleos de EJA este sentimento dificulta ao professor a sua imersão no desconhecido, o que necessariamente precisa acontecer quando nos propomos ao trabalho com a pesquisa [...] (MAGALHÃES, 2009, p.22).

Apesar das dificuldades dos professores em adequar as práticas de ensino da EJA, a pesquisa estimulará a capacidade criadora e indagadora do educando, a partir dos seus saberes construídos socialmente. Os temas de pesquisas partem do interesse, realidade e curiosidade

³MAGALHÃES, Murilo Genazio. **Jovens Egressos da Educação de Jovens e Adultos**. Possibilidades e Limites. Florianópolis: UFSC, Julho/2009, p. 22.



de cada aluno, na EJA do Saco Grande, alguns dos temas escolhidos foram: A origem das estrelas, a origem da bíblia, diferenças entre Umbanda e Espiritismo, como surgiu a tatuagem, câncer, aneurisma, funk, rap entre outros, o processo é construído passo a passo com a orientação dos professores. Há uma necessidade de o professor perceber as dificuldades desse estudante e auxiliar nos mecanismos de busca do tema escolhido.

A partir das nossas observações elaboramos perguntas para dois professores da escola envolvendo sua formação acadêmica, discussões de temas como gênero e racismo e sobre a educação de jovens e adultos e também para dois alunos perguntas sobre sua vida pessoal, profissional, trajetória de vida escolar, além de questionamentos para saber pontos positivos e negativos vistos por eles do sistema da EJA Florianópolis, e o que acham da relação entre os professores e alunos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

As entrevistas aconteceram no dia 16/06/2016, no próprio espaço escolar. Nosso primeiro entrevistado foi o professor 1, formado com licenciatura e bacharelado em Geografia pela UFSC em 2013, atuando a 5 anos como professor, sendo que trabalhou um ano na EJA no município de São José e nesse ano está trabalhando na EJA de Florianópolis. Durante sua formação ele discutiu temas como gênero e questões raciais, mas sobre a educação de jovens e adultos ele aprendeu mesmo na prática, já que, seu estágio pela UFSC foi realizado no ensino regular. Ao mencionar sobre os pontos positivos e negativos do sistema, o professor abordou a importância do sistema para os alunos de vulnerabilidade social e como o conhecimento desse sujeito não pode ser fragmentado, sendo sempre válido. Ele demonstrou a preocupação constante dos estudantes (principalmente os mais jovens) sobre o sistema de ensino, pois se preocupam com o fato de não englobar os conteúdos necessários que eles precisam para fazer o vestibular. Segue um trecho da entrevista.

A questão é assim, algumas vezes o aluno reclama: será que a gente vai ter formação do ensino médio na hora de prestar o vestibular? Pode ser que a EJA de Florianópolis não contemple isso, mas ela contempla a questão do conhecimento, do conhecimento geral, porque embora eu seja professor de geografia, mesmo eu trabalhando no regular, eu sempre “caso” com outras disciplinas o conhecimento.

Uma das perguntas feitas ao professor 1 foi: Como ele define sua relação de professor com os alunos da EJA?



Eu acredito que seja boa, eu também sou novo aqui, e esse fato de eu ser novo, isso de certa forma ajuda a me atualizar com eles, ainda mais numa modalidade da EJA, um lugar que principalmente tem bastante jovem, dessa forma eu me aproximo. Óbvio que problemas têm, como qualquer ambiente escolar tanto no regular como na EJA tem seus problemas de indisciplina. Mas creio que essa abordagem mais jovial e atualizada do professor ajuda, ou tema atual por estar dentro do contexto deles, da realidade deles, até porque não só alunos da EJA, mas próprios alunos irregulares também, a gente precisa ter um conhecimento que atinja de fato, que seja significativo.

A escolarização de jovens e adultos compreende um conjunto de práticas e processos formais e informais na ampliação de aquisição de conhecimento, envolvendo habilidades socioculturais e profissionais. Nesta perspectiva, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção, estimulando sua capacidade de arriscar-se.

Paulo Freire defendeu que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”⁴ e faz uma crítica ao ensino “bancário”, no qual as verdadeiras condições de aprendizagem não se dão a partir do mecanismo de memorização de conteúdos. Dessa forma, engloba muito bem o processo de aprendizagem da EJA que tenta extirpar de certa forma esse ensino bancário e ensinar através do aprendizado mútuo.

Entrevistamos também o professor 2, tem duas licenciaturas e mestrado pela UNESP. Ele já é professor há 8 anos, sendo que desde 2015 leciona na EJA Saco Grande. Sobre os pontos positivos e negativos do sistema EJA ele respondeu:

Pontos positivos... Tem muitos pontos positivos, porque é bem diferente do ensino regular, tudo construído em torno de pesquisas, não existem notas, as aulas são bem interdisciplinares, tem reuniões que são bem importantes pra desenvolvimento, com alunos de idades muito diferentes e, às vezes, acho que isso é bom, falta no ensino regular, uma mistura entre alunos de idades diferentes. Tem bastante coisa boa assim, se você enumerar ia demorar bastante. [...] ruim... Ruim eu acho que a EJA tá ficando como assim, os alunos que não dão certo no ensino regular vem parar aqui então... Embora o sistema da EJA seja bem novo e legal, a gente não teria ideia de como seria no ensino regular assim, a gente pega os alunos que tem problema a maioria... Então, esse é o problema a gente acaba pegando esses alunos ou com muita dificuldade, alunos que não sabem ler nem escrever, e aí embora seja interessante a gente ver como funciona mesmo nesses casos no sistema da EJA.

⁴FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á pratica educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.



Percebemos em nossas observações e na entrevista, que o professor tinha uma relação próxima com os alunos, dessa forma questionamos sobre sua relação de professor com os alunos.

Minha relação é muito boa com quase todos, na verdade eu tô no segundo ano criei vínculos né?! Alunos que já... Tem bastante alunos que já se formaram e hoje.... Um é meu professor de capoeira, outros alunos eu visito aqui, eu nunca vinha pro Monte Verde agora eu venho pra visitar amigos que antes eram meus alunos, então como eles tem a idade parecida às vezes, ou são mais velhos que a gente, acho que é possível ter uma relação bem legal.

Muitos dos alunos da E.B. Donícia Maria da Costa (EJA Saco Grande) são migrantes de várias regiões do país, vieram morar em Florianópolis em busca de emprego e melhor qualidade de vida.

A partir da década de 1960, o município de Florianópolis, passou a receber migrantes de outras regiões do país, através da criação das empresas estatais Celesc (Centrais Elétricas de Santa Catarina), A Eletrosul Centrais Elétricas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ⁵. Desde 1980, a cidade é percebida como possuidora de uma excelente qualidade de vida, e pela grande oferta de emprego no setor de serviços, atraindo principalmente pessoas de Rio Grande do Sul, São Paulo e do interior de Santa Catarina. Muitos alunos da EJA possuem esse perfil migratório, sendo que a maioria que conversamos veio de fora de Santa Catarina.

Entrevistamos os alunos A, com 21 anos e aluna B com 46 anos, ambos vieram de outras cidades para morar em Florianópolis, perguntamos suas trajetórias de vida, de onde eles vieram, a composição familiar, sobre o trabalho, do que achavam da EJA e de que forma as pesquisas em que eles trabalharam ajudaram tanto na vida profissional, quanto pessoal deles.

O aluno A, mora a 1 ano e 6 meses em Florianópolis, natural do Pará, ele tem a pretensão de terminar os estudos e fazer uma faculdade.

[...] Eu não tinha muito aquela oportunidade de estudar porque eu tinha que trabalhar com o meu pai então foi isso, mas chegando aqui melhorou bastante, aqui eu trabalho e estudo.

Eu tô aqui em Florianópolis faz um ano e seis meses, a sim ó aqui em Florianópolis tô morando só eu mesmo, eu vim com a minha tia só que ela... Foi embora para os Estados Unidos, aí ela perguntou se eu queria voltar pro Pará, aí eu disse que não, tava bem aqui, eu queria fica porque eu

⁵AREND, Maria Sílvia. **Trajetórias das famílias dos/as estudantes da EJA (Florianópolis, 1980 – 2007)**. TORNQUIST; B. Cristiani da; SUZANA Carmen (Org.) Histórias e Trajetórias de Jovens e adultos em busca de escolarização. Florianópolis: UDESC, 2009, p.77.



tava trabalhando e tô até agora, como eu já tava estudando também resolvi ficar tentar um pouco a vida.

No geral os alunos da EJA chegaram a Florianópolis e estão concluindo seus estudos aqui por variados motivos que acabam sendo comuns entre eles, muitos saíram de suas cidades para tentar algo novo, ou porque a cidade em que viviam não proporcionava um “futuro” na qual aquele sujeito assim o desejava. Pela entrevista com o aluno A pudemos notar o quanto as relações em família podem interferir nos estudos. Para ele ficar em Florianópolis é tentar algo novo, é se arriscar, algo que em sua cidade natal não era possível devido à questão do trabalho no qual auxiliava seu pai, e também a questões pessoais no qual o entrevistado não quis mencionar mais detalhes. A determinação dos alunos da EJA é algo realmente surpreendente, pois apesar de todas as dificuldades enfrentadas por eles, não desistem de seus objetivos, digamos que recomeçar seja a palavra chave na vida dessas pessoas.

A aluna B é natural de Curitiba e veio com a família tentar uma vida melhor em Florianópolis, destacamos nessa entrevista a determinação dela em terminar os estudos, atualmente trabalha como copeira em uma loja de sapatos, mas sonha em melhorar profissionalmente e fazer uma faculdade.

[...] Meu pai era um homem muito rígido, então não deixava a gente sair pra lugar nenhum, somos em sete irmãos, nesses sete eu sou a única mulher. Então aos catorze anos, ia fazer quinze anos meu pai teve um derrame e eu tive que sair da escola pra poder ficar... Como era a mais velha, tive que abandonar o estudo para poder trabalhar, eu trabalhava de doméstica, sofri horrores comi o pão que o diabo amassou com aquela mulher, sofri horrores, eu não estava acostumada a ficar longe de casa. Então menina de catorze anos sai de casa de perto da mãe e ir morar na casa dos outros naquela época era... Então... Eu não gostava, mas tinha que ir trabalhar pra ajudar a família.

O que se percebe nessas entrevistas citadas e na conversa com outros alunos, é que esses estudantes da EJA fazem seu retorno à escola com essa perspectiva de ascensão social ou o sonho de ingressar em uma faculdade, principalmente os alunos mais velhos. O mercado de trabalho fica cada vez mais exigente e esse mundo urbano está cada vez mais competitivo. Uma grande maioria desses alunos e alunas teve que trabalhar na infância e contribuir com seus proventos para o sustento da família. Esse fator é crucial para entendermos a desistência em estudar desses alunos que, muitas vezes, não tiveram poder de escolha pela necessidade em ajudar sua família no sustento do lar, muitos sofreram com trabalho infante-juvenil e até



hoje já mais velhos tem uma rotina pesada de trabalho que os impede de continuar os estudos. Muitos deixaram os bancos escolares durante o ensino fundamental e retornam anos depois, pois precisam da educação básica para conseguir melhores chances no mercado de trabalho e consequentemente uma melhora financeira para si e para a família. Um grande número de estudantes que conversamos vinha de várias regiões do Brasil, principalmente Norte e Nordeste. Muitos em busca de melhores condições de vida, tendo mudado muitas vezes, o que de certa forma também contribuiu na dificuldade em se formarem e seguirem com os estudos.

Os mais jovens tem grande potencial criativo e comunicativo, mas também muitas dificuldades e resistências, pois não se enquadraram no perfil dos bons estudantes, criado pela cultura escolar dominante⁶, percebe-se que algumas das práticas escolares existentes no ensino regular acabam afetando esses alunos da EJA que por sua vez procuram a instituição, pois suas experiências anteriores os colocavam em uma posição de inferioridade, que não é escolhida livremente⁷, pois ficam dependentes exclusivamente do olhar e controle de terceiros, sofrendo avaliações constantes de suas qualidades e defeitos, ou seja, o aluno se sente inadequado, pois não alcançou as expectativas impostas pela escola.

Muitos deles relataram se sentirem “burros” por não entenderem determinado assunto ou assimilarem determinada explicação. Em muitas das conversas se via uma autocensura por não terem conseguido seguir adiante nos estudos, acreditando que a culpa foi deles por não terem se esforçado o suficiente, assumindo para si o fracasso. Não percebem que este fracasso é gerado pela própria instituição escolar que geralmente não sabe lidar com as diversidades de seus estudantes, gerando esses conflitos internos por parte dos mesmos. Na maioria das vezes eles não conseguiram concluir o ensino fundamental devido a problemas familiares, financeiros, mudanças de estado. Além disso, muitas questões não têm relação com o saber pedagógico e sim com a situação de vida que o sujeito se encontra, ou a instituição não consegue lidar com estas situações, rotulando esse estudante como inadequado, sem olhar as diversidades e necessidades individuais do mesmo, dando preferência ao coletivo e fazendo com que esses estudantes acreditem que são eles que não se adéquam a vida escolar.

Apesar de todas essas adversidades, percebe-se entre alguns (principalmente os mais velhos) uma grande força de vontade em seguir em frente com os estudos, mesmo trazendo com eles uma determinada experiência escolar ou familiar de algum modo negativa, acabam

⁶MAGALHÃES, 2009, Opcit, p.22.

⁷Ibidem, p.58.



buscando a escolarização que não conseguiram no passado. Sendo que essa força de vontade em melhorar de vida e adquirir mais conhecimento é percebida principalmente nos estudantes com mais de 30 anos. Nos quais, nos impressionou a disposição e a disciplina em manter os estudos, mesmo com horas extensas de trabalhos domésticos e remunerados.

RESULTADOS

Finalizando, podemos dizer que essa rica experiência que vivenciamos na EJA do Saco Grande, nos trouxe inúmeras reflexões, dentre elas podemos citar o fato de o conhecimento para alguns desses estudantes terem sido essenciais para mudar seus valores, sua visão de mundo. Tudo era o reflexo da reprodução de “certos” valores repassados pela família e pelo ambiente em que viviam. Quanto mais conhecimento o sujeito adquire mais sede de viver e de se reinventar ele terá e foi isso que percebemos em muitos alunos da EJA, um grande empenho em adquirir mais saberes, mudar suas concepções, eliminar alguns preconceitos, e seguir adiante. Notamos também uma grande dificuldade e autojulgamento da parte deles, sendo uma das características em comum que mais marcou os estudantes observados e entrevistados, de acreditarem que a inteligência está relacionada com os conhecimentos acadêmicos e escolares, esqueciam que seus conhecimentos de vida, as experiências pessoais e profissionais enriquecem e são tão ou mais importantes. Os conhecimentos escolares, os saberes como matemática, português, entre outros, são muito importantes para certos setores da vida, mas não ter esse tipo de conhecimento desenvolvido não os diminui como pessoas. Suas sabedorias são muito mais do que ler ou interpretar um texto, são suas experiências de vida, o saber cozinhar, dirigir, limpar uma casa, cuidar dos filhos pequenos, consertar um chuveiro, etc., também são um tipo importante de conhecimento.

Esquecer de valorizar a essas habilidades e pensar que só se é apto e inteligente tendo conhecimentos “acadêmicos” infelizmente é uma imposição dura e equivocada que está presente na nossa sociedade erroneamente. É necessário, respeitá-los e admirar suas trajetórias de vida, sua busca por novos aprendizados, apesar das dificuldades que se impõe. Lembrar ainda que esses sujeitos têm muitos outros conhecimentos valiosos, é em nosso entendimento uma das grandes missões do educador, lembrar a esses alunos que já foram tão excluídos, que eles têm potencial e saberes múltiplos! Sua inteligência independe dos saberes escolares, ela é muito mais ampla que isso.



E mesmo com todas essas dificuldades e lutas, esses (as) estudantes têm uma força de vontade imensa, podemos dizer sem ressalvas que foi uma experiência incrível estagiar na EJA do bairro Saco Grande, aprendemos tanto com essas pessoas, sua determinação e coragem para seguir em frente, mesmo com todos os percalços e situações de vida tão difíceis. É estimulante e enriquecedor, mesmo com todas as adversidades, seguem em frente e dão valor aos conhecimentos adquiridos e aos professores que lhe auxiliam.

Apesar de todos os problemas que aparecem no sistema de educação e as dificuldades corriqueiras do ambiente escolar, a equipe de professores, coordenação e funcionários é muito profissional e se percebe um grande amor pelo que fazem. Destacam-se algumas bonitas amizades entre os docentes e alunos.

Em suma, observar todas essas experiências, histórias de vida e compartilhar informações importantes, para entender como vivem e sobrevivem esses sujeitos da EJA foi um grande passo na nossa história acadêmica e com certeza uma grande lição de vida na nossa caminhada pessoal. Ficam aqui lembranças, memórias e experiências importantes de determinação e superação.

Referências bibliográficas:

AGLIARDI, Delcio Antonio. **Percursos e trajetórias das políticas e práticas educativas de jovens e adultos**: do direito à educação à diversidade. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao de Pessoas Jovens e Adultos/Trabalho/06_43_48_268-7088-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educao%20de%20Pessoas%20Jovens%20e%20Adultos/Trabalho/06_43_48_268-7088-1-PB.pdf)>. Acessado em: 30 Mar. 2016.

AREND, Silvia. **Trajetórias das famílias dos/as estudantes da EJA (Florianópolis, 1980 – 2007)**. TORNQUIST; B. Cristiani da; SUZANA Carmen (Org.); AREND Silvia. Histórias e Trajetórias de Jovens e adultos em busca de escolarização. Florianópolis: UDESC, 2009. p. 71-79.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á pratica educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. IN: **Revista Brasileira de Educação**, nº14, 2000.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de Jovens e Adultos na diversidade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. NUP- Núcleo de Publicações do CED, 2011.

MAGALHÃES, Murilo Genazio. **Jovens Egressos da Educação de Jovens e Adultos**: Possibilidades e Limites. Florianópolis: UFSC, Julho/2009. p. 10- 94.



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

PMF.SC. **Resolução da educação de jovens e adultos em 2010.** Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/11_05_2011_12.08.55.735d2fbf7f7260f583b585211b7bdf60.pdf>. Acessado em: 01 Jul. 2016.

PAIM, Elison Antonio. Entrevista concedida a Jessica Lícia da Assumpção, Mariana Bandeira do Nascimento e Regina Wagner Cizerio Lira em Florianópolis, Escola Municipal Donícia Maria da Costa, 16 Jun. 2016. Entrevista realizada com dois professores (1 e 2) e dois alunos (A e B). Memórias e experiências de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede Municipal do Estado de Santa Catarina.